



ENTRE MARGENS
Yasmin Nogueira







Poderia tê-la conhecido ao acaso em leituras aleatórias, ou quem sabe, ao andar pela rua pudesse ter esbarrado em qualquer traço seu. O nome de Ofélia volta aos lábios nas circunstâncias mais diferentes, diria Bachelard. Foi buscando autoconhecimento, autotransformação e esse eu feminino, que nos conhecemos. Fomos apresentadas, recordo-me com a mesma nitidez que tem as águas, numa tarde de sol próximo ao rio Paraguaçu. Nunca tínhamos ouvido falar uma da outra, mas ela já guardava muito para me contar. Alguns anos se passaram desde aquela tarde, as buscas tornaram-se outras, e ela, ainda junto a mim, fala de sua história e ajuda, de maneira fragmentada, com muitas perguntas e sem respostas, a escrever a minha.

Busco o espelho como a superfície d'água. Palavras vão sendo construídas enquanto me vejo refletida. Uma a uma, dia após dia. Diante da minha imagem se erige um palimpsesto. A construção e apagamento dessas palavras, escritas em cor de céu e água nascem e morrem diariamente. Estão a me falar sobre esse meu caminhar.





amabilidade
naquela
mente

Água Solidão Amar Força
Rio Loucura Silenciamento
Prisão Feminino Mar
Dissolução Morte Alteridade
Fragilidade

Vou ao quintal, isto é, vou ao encontro dos documentos de infância, aos fragmentos de uma autobiografia através de imagens, dos rabiscos de criança. Remexo caixas, envelopes antigos e desordenados na busca pela Ofélia - Yasmin.

Eu sou Yasmin
tenho 6 anos
gosto muito de brincar
e fico feliz quando é meu
aniversário.



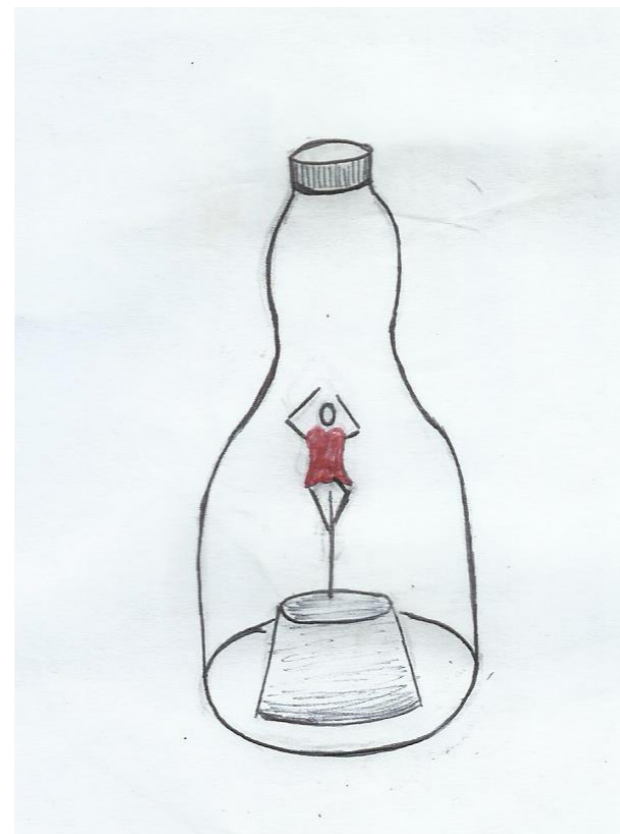


As imagens trazem diversas águas e meus deslocamentos por entre elas. Residi em diversas casas, fui banhada por muitos rios e mares. Nunca aprendi a nadar. Fui ensinada a temer as ondas, não adentrar sozinha sua fluida imensidão. Por muitos anos ouvi a triste história, contada por minha mãe, sobre a perda de uma prima e grande amiga. Miriã faleceu afogada, não como Ofélia, mas um real acidente ainda aos 12 anos de idade. Minha mãe, com a criação rígida que recebeu, não pôde chorar. Suas lágrimas tornaram-se medo, seus filhos não podiam correr esse risco. Nessas coisas de mar não se devia confiar.

Recordo-me do muro de cimento batido e, em seu topo, cacos de vidro. O muro poderia ser também branco, mas recordo-me cinza irregular, de massa que aparentava ter sido jogada grosseiramente. Rememoro o colã rosa de bailarina. Tive mais de um. Festas à fantasia ou o dia do circo eram datas para usá-las.

Mas eu nunca vi bailarina no circo!

Achava linda sua figura, admirava sua aparência frágil e doce, feito a boneca que girava na caixa de música dentro da garrafa de licor de banana que havia no pequeno bar decorativo. Branca, magra, usava um vestido vermelho e estava fadada a dançar presa, sozinha, na garrafa de líquido amarelo. Acreditava ser este o lugar da mulher: criaturas doces, encantadas, figuras franzinas e frágeis, assim como as minhas bonecas Barbies também pareciam ser. Queria, então, ser também bailarina. Decidi escrever uma carta a Deus. Letrinhas tortas de quem está sendo alfabetizada. Enchi uma bola de assoprar e amarrei a carta, certa de que ela chegaria aos céus, seria lida e meu pedido atendido. Solto a bola, que logo estoura ao esbarrar no primeiro caco do crespado muro.



Recordações de uma bailarina fadada à solidão.

Ora, como seria bailarina?

Nunca frequentei as aulas de ballet.

O que eu seria então?

Pressagiava minha mãe ao legendar meus rabiscos infantis?



Sobre as prateleiras, bonecas. Alvas feito a marmórea pele que buscavam as moças vitorianas com o pó facial Ofélia, a pálida e bela mulher morta.

Olhos de mar aberto, contudo, rastos feito poças d'água.

Seus fictícios cabelos eram feito tiras amarelas de seda ao sabor do vento.

Os traços se repetiam, repetiam, para além da prateleira do quarto.

Estavam na televisão, nas revistas, na festa de aniversário.

Não pareciam comigo.

Nenhuma delas.

Estavam por toda parte, nesses lugares em que nunca estive, nesses lugares em que ainda não estou.

Os acostumados a fazer das belas imagens, espelhos, nunca souberam os amargores do lado de cá.

“Mas ela é tão bonitinha, tinha que puxar logo esse cabelo?”

As mais estúpidas torpezas ainda viriam ao associá-los aos íntimos e adultos pelos.

Aos dois anos de idade, não compreendia o sentido das vilezas disparadas, mas pelas feições a mim direcionadas, não haveriam de ser agrados.

Punha-me então a chorar.

Sisuda e chorona, fui então apontada.

Perdoem-me se os desagradei. Deveria sorrir?

“Essa menina tem cabelo para umas três cabeças. Porque não alisa?”

Ah sim! Eles foram esticados por longos 16 anos.

Conhecia a cara que tinha a beleza.

Era aquela das velhas bonecas.

Elas nunca foram negras.



Cresci dentro das práticas de uma religião japonesa.
Quase simultâneo foi o aprendizado da fala e da reza
Das constantes idas à igreja, aprendi a ter fé
Ainda que jovem demais para saber no que crer
A filha mais velha do ministro
Sorria diante do altar
Antes que pudesse entender seus significados,
era tênue a linha entre a seriedade e o brincar.
Não cessaram as buscas por uma espiritualidade
E anos mais tarde
Fui também apresentada a outros Deuses e Deusas.



- De quem é a minha cabeça?

Perguntei-lhe.

Os búzios pouco rolam sobre a mesa como se não tivessem,

nesse momento, tanto por revelar.

Com tom de obviedade, me disse:

- Ora, você é de Oxum!

Meu sorriso confirmava sua expressão.

Desejo saber quem mais me acompanha.

-Você tem três Yabás: Oxum, Iansã e Yemanjá.

Não disfarço a surpresa e gratidão, que deviam saltar pelos meus olhos e pela volta aos lábios, do sorriso tímido.

E de onde mais viria tanto encanto pelo feminino?

E esse desejo que caminha lado a lado com o temor pelas águas, que nunca foi superado?

Penso sem nada dizer.



Doces águas me trouxeram

Já não creio no acaso.

A pobre Ofélia não adentrou o fluido despretensiosamente.

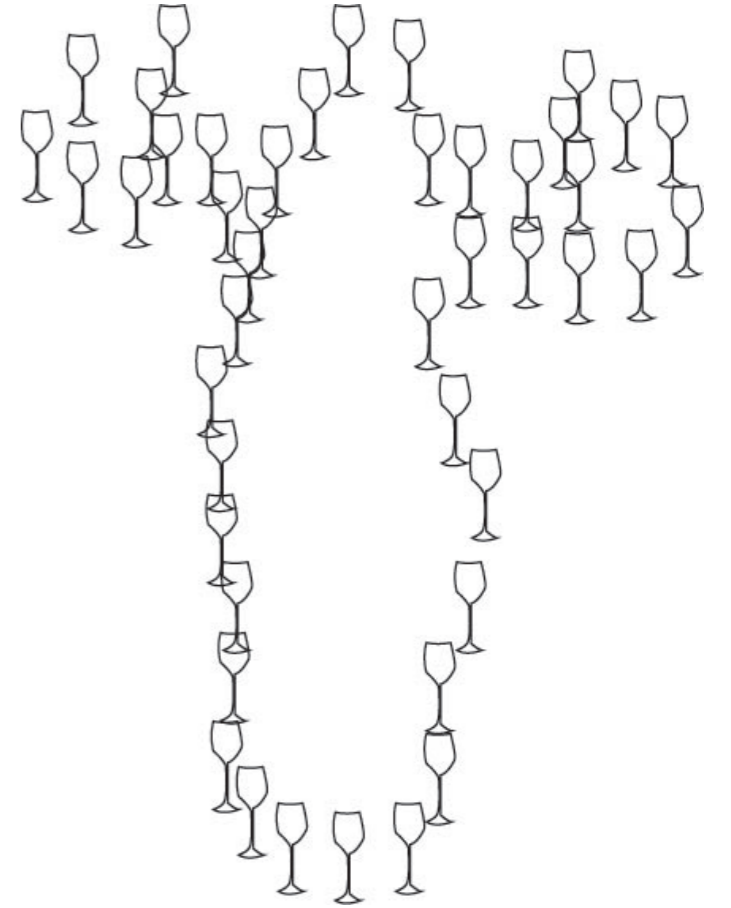
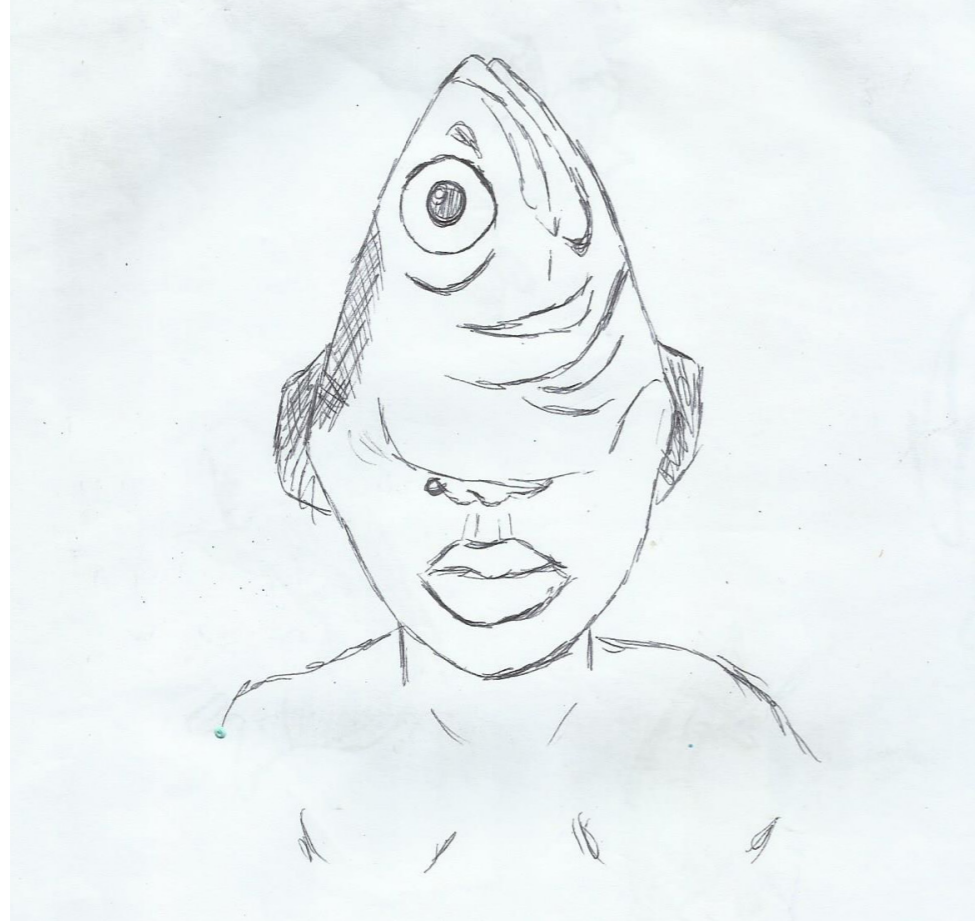
Sabia onde desaguar.

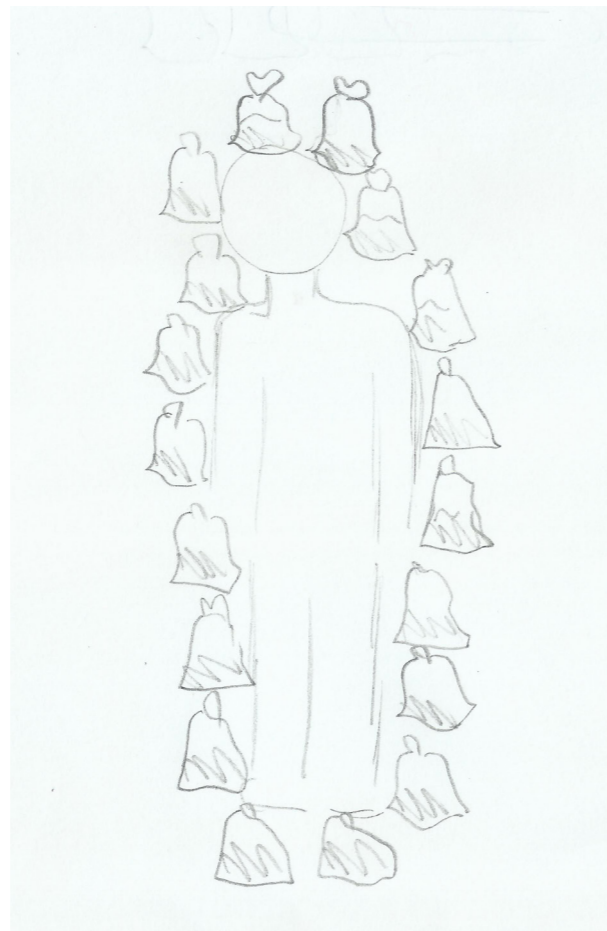
Paraguaçu e seus afluentes a transportaram por suas mansas ondas,

em lembranças que esbarraram nas pedras, molharam meus pés.

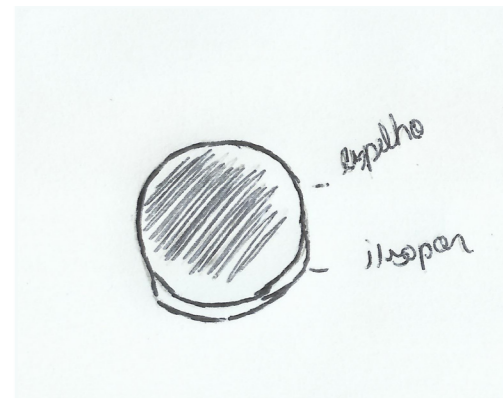
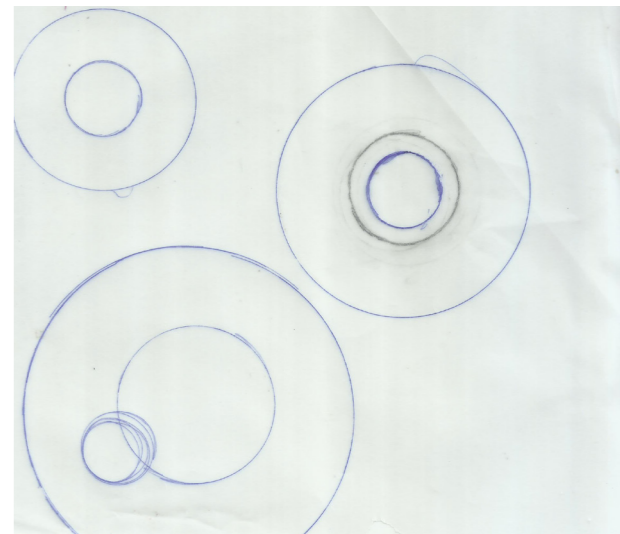
Sentada em sua margem.

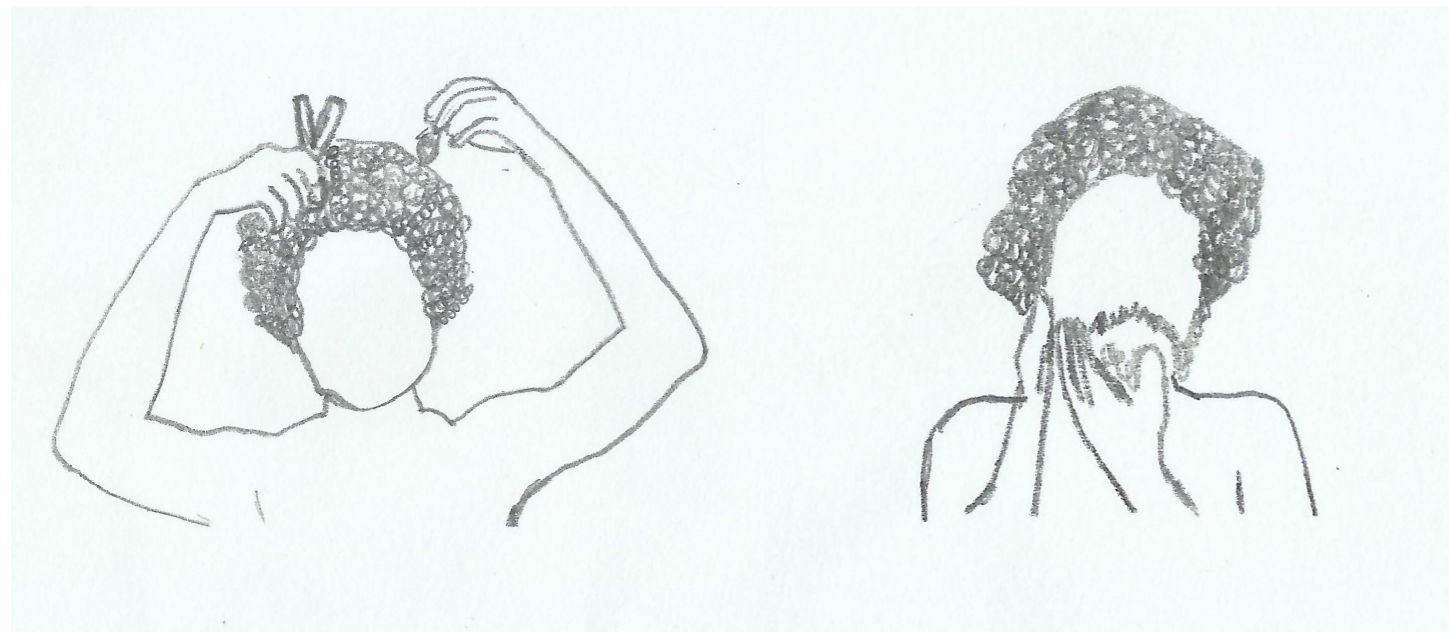






espeho
 / isoper perfeito
 ou
 espeher uma
 bóia infantil
 25 (anos em
 bóias que essa
 história
 segue
 sendo
 vertido)
 ou
 espeher um
 isoper em
 terra de
 bóia
 Platina bóias
 grandes ia m / ou espeher
 bóias comuns







FR
IGUALDADE

ALTERIDADE

MULHER

VIAJAMENTO

BUSCA

FORÇA

PROTAGONISMO

SOLIDÃO

VERDADE

GÊNERO

NEGRA

VIDA



FORÇA

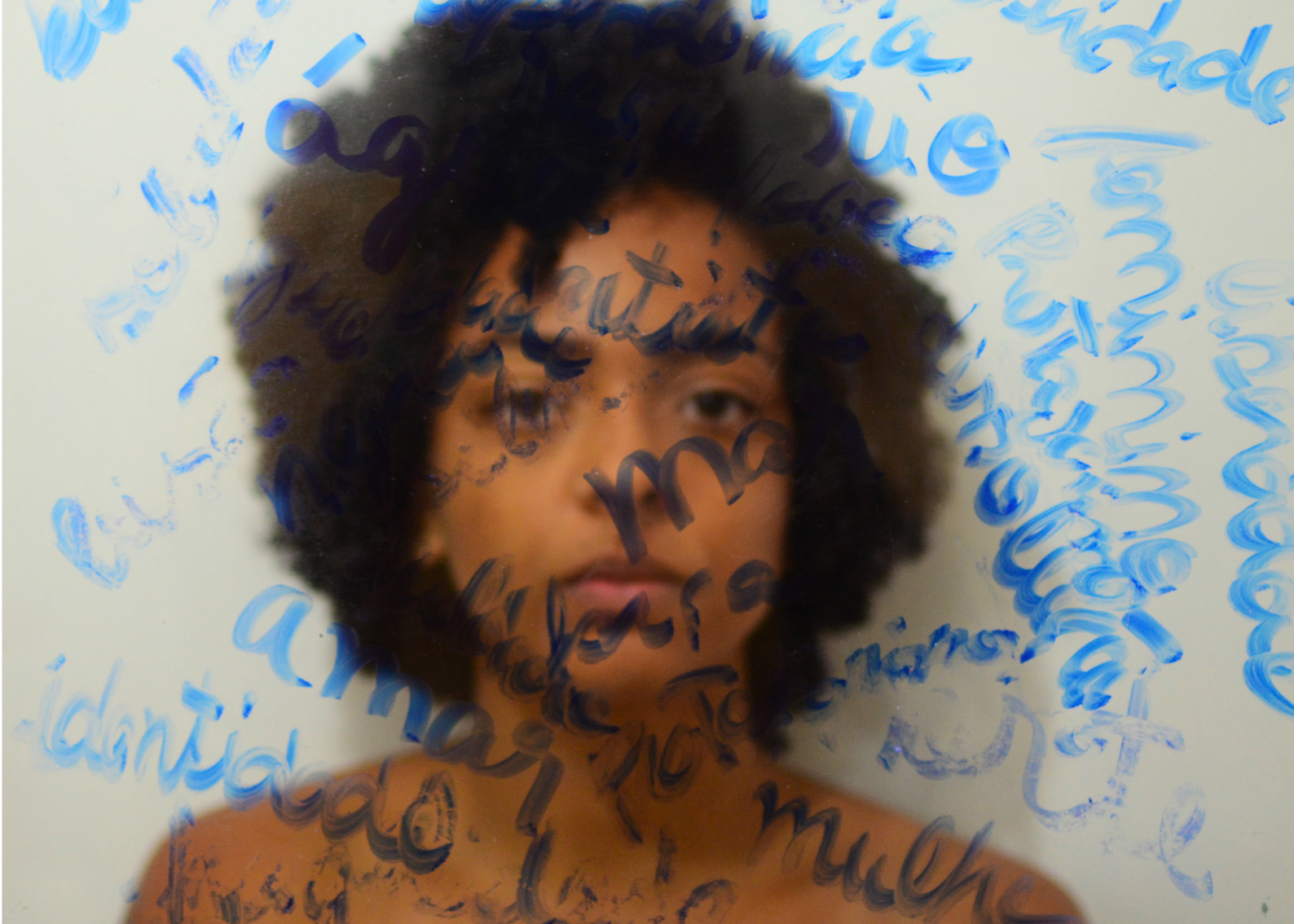
FEMININO

ÁGUAS





Desejo libertar a pobre bailarina da garrafa,
como a mim mesma.
Retorno ao espelho, às palavras.
Escrevo
Apago
Escrevo outras.





Igualdade Solidão Vida Artista
Água Independência
 Loucura Amar Busca
 Raça Identidade Silenciamento
Rio Mar
 Alteridade Feminino
 Prisão Negra
Protagonismo Morte Liberdade
 Dissolução Fé Fragilidade

ENTRE MARGENS

Yasmin Nogueira

Yasmin Nogueira é nascida em Salvador (Ba),
Bacharela em Artes Visuais pela Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB.
Desenvolve projetos artísticos através da fotografia,
performance e experimentos de hibridismo de linguagens.
Integra o Coletivo Entrecho de Artes Visuais.
Sua atual pesquisa tem como tema, o corpo-autobiográfico
no mito de Ofélia, com interesse pelas questões de gênero e identidade.

Projeto gráfico: Adriano Machado

Revisão Textual: Tássia Batista

Imagens: Adriano Machado, Julia Morais e arquivo pessoal da artista.

Agradecimentos: Edilene Matos, Karla Brunet, Valécia Ribeiro, Adriano
Machado, Fernanda Silva, Tássia Batista, Instituto Sacatar e Viga Gordilho.

Esta publicação integra a dissertação de mestrado “Corpo-autobiográfico no processo criativo: Por uma
poética do mito de Ofélia ” apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestra em Cultura e
Sociedade na linha de pesquisa Cultura e Arte, sob orientação da Prof.^a Dra. Edilene Dias Matos

Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos-IHAC
Universidade Federal da Bahia-UFBA

Impresso em Março de 2017, pela gráfica Printi,
capa em papel couché 300g e miolo em papel couché 115g.

Tiragem: 25 exemplares.